

FREUD E O PATRIARCADO

copyright Hedra
edição brasileira© Hedra 2020
organização© Alessandra Martins Parente e Léa Silveira
primeira edição Primeira edição
edição Jorge Sallum
coedição Felipe Musetti
assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier e Luca Jinkings
capa Lucas Kröeff
ISBN 978-85-7715-611-5
corpo editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Renato Ambrosio,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Silvio Rosa Filho,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011, São Paulo-sp, Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

FREUD E O PATRIARCADO

Alessandra Martins Parente e Léa Silveira (*organização*)

1ª edição



hedra

São Paulo_2020

Alessandra Martins Parente é psicanalista, fundadora e coordenadora do Projeto *Causdequê?* Doutora em Psicologia Social e do Trabalho pela USP com estágio-sanduíche pelo ZFL-Berlin (bolsa CAPES), Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP, formada em Psicologia pela PUC-SP e em Filosofia pela USP. Em 2018 realizou seu Pós-doutorado pelo Departamento de Filosofia da USP, com estágio na Birkbeck, University of London (bolsa FAPESP/FAPESP-BEPE). É autora de *Sublimação e Unheimliche* (Pearson, 2017) e de artigos que estabelecem interfaces entre Psicanálise, Filosofia e Artes Visuais. Atende e oferece supervisões clínicas em consultório particular. Foi professora de Filosofia durante oito anos no Ensino Médio em diferentes escolas de São Paulo e por sete anos em cursos de Psicologia do Ensino Superior. É membra do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (Latesfip-USP) e do GT de Filosofia e Psicanálise da ANPOF.

Léa Silveira é professora de Filosofia da Universidade Federal de Lavras, instituição na qual participou da criação do curso de licenciatura em Filosofia, do Departamento de Ciências Humanas e do mestrado em Filosofia. Fez a pós-graduação em Filosofia na Universidade Federal de São Carlos e formou-se em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Suas publicações são voltadas para a área de Filosofia da Psicanálise. É membro do comitê executivo da International Society of Psychoanalysis and Philosophy (SIPP-ISPP) e do núcleo de sustentação do GT de Filosofia e Psicanálise da ANPOF. É membro do conselho editorial das revistas de Filosofia *Ipseitas*, *Eleutheria* e *Em curso* e da revista de psicanálise *Analytica*. Atua como assessora para a Fapesp.

Freud e o patriarcado parte da constatação de que o campo da teoria psicanalítica põe em jogo uma forma de conceber o psíquico — ou a subjetividade — como algo que se constrói a partir de um modelo que assume, em seu centro, uma equivalência generalizada entre cultura, civilização e masculinidade. Ao assumir esse tipo de encaminhamento, a psicanálise coloca, no centro de seus modelos teóricos, algo que deveria ser explicado, em vez de ser tomado como dado. Sobre essa trilha as autoras e os autores desse livro tecem suas considerações, seja para explorar a legitimidade e a preservação dos modelos descritivos psicanalíticos ancorados nas inspirações originárias de Freud e em seus desdobramentos, buscando sua potência própria; seja para apontar, nos próprios textos de Freud, elementos que permitiriam vislumbrar modelos distintos; ou ainda para problematizar algumas de suas teses, apostando mais diretamente na necessidade de repensá-las.

Sumário

| | |
|---|------------|
| Apresentação | 9 |
| REVISITANDO OS PILARES DE FREUD | 21 |
| Aquém do pai? Sexuação, socialização e fraternidade em Freud, <i>por Pedro Ambra</i> | 23 |
| Desamparo e horda primitiva, <i>por Janaína Namba</i> | 43 |
| INTERSTÍCIOS DO TEXTO FREUDIANO: | |
| ACERTO DE CONTAS. | 57 |
| Dentro do sonho, <i>por Stephen Frosh</i> | 59 |
| A origem do destino criado para as mulheres pela psicanálise: por uma leitura reparadora através das atas da Sociedade das Quartas-feiras, <i>por Aline de Souza Martins e Lívia Santiago Moreira</i> | 85 |
| <i>Bêtes noirs</i> : as mulheres <i>queer</i> da psicanálise, <i>por Marita Vyrgioti</i> | 115 |
| Fricção entre corpo e palavra: crítica ao <i>Moisés</i> de Freud e Lacan, <i>por Alessandra Martins Parente</i> | 139 |
| EXTRATERRITORIALIDADES: | |
| O OLHAR LANÇADO DE FORA NA ANÁLISE DE FREUD | 167 |
| Oswald contra o patriarcado: antropofagia, matriarcado e complexo de Édipo, <i>por Filipe Ceppas</i> | 169 |
| Escrever: mulheres, ficção e psicanálise, <i>por Julia F. Vasconcelos, Manuela B. Crissiuma, Mariana F. Angelini e Renata de Lima Conde</i> | 193 |
| Freud e o conhecimento-do-corpo: viajando pelos limites da linguagem através da angústia, <i>por Ana Carolina Minozzo</i> | 207 |

| | |
|--|-----|
| CONTRA O MESTRE: FREUD EM ATRITO COM AS IDEIAS DE SEUS CONTEMPORÂNEOS | 229 |
| O patriarcado entre Sigmund Freud e Otto Gross, <i>por Marcelo Amorim Checchia</i> | 231 |
| Apontamentos ferenczianos para a atualidade da psicanálise, <i>por Paula Peron</i> | 255 |
| DE FREUD AOS DEBATES ATUAIS: | |
| PSICANÁLISE E FEMINISMO. | 271 |
| Introdução II a <i>Feminine sexuality</i> , <i>por Jacqueline Rose</i> | 273 |
| Imposições sexuais e diferenças entre os sexos: bruxas, <i>femmes seules</i> , solteironas e Sigmund Freud, <i>por Beatriz Santos</i> | 313 |
| Simbolicismo e circularidade fálica: em torno da crítica de Nancy Fraser ao “lacanismo”, <i>por Léa Silveira</i> | 327 |
| Sobre o declínio da autoridade paterna: uma discussão entre teoria crítica e psicanalistas feministas, <i>por Virginia Helena Ferreira da Costa</i> . . . | 351 |
| Sequelas patriarcalistas em Freud segundo Luce Irigaray: sexualidade feminina e diferença sexual, <i>por Rafael Kalaf Cossi</i> | 373 |

Apresentação

De acordo com C. Delphy,¹ a palavra “patriarcado” significa literalmente “autoridade do pai”, derivando dos termos gregos “*pater*”² (pai) e “*arkhe*” (origem, comando).³ “*Pater*”, no entanto — que comparecia como termo em sânscrito, em grego e em latim —, não correspondia ao sentido contemporâneo de “pai”, para o qual se empregava a palavra “genitor”. O termo não carregava referências à filiação biológica e reportava-se ao homem que, ao exercer autoridade sobre uma família ou sobre um domínio, não dependia de nenhum outro homem. É no final do século XIX, no contexto de teorias preocupadas em discutir a (suposta) evolução das sociedades humanas, que a palavra “patriarcado” adquire um novo significado: “São Morgan e Bachofen”, escreve Delphy, “que lhe dão seu segundo sentido histórico (...). Eles postulavam a existência de um direito materno que teria sido substituído pelo direito paterno, explicitamente chamado por Bachofen de patriarcado. Ele é seguido por Engels e depois por Bebel” (p. 174). Esse significado ainda não é, porém, aquele adotado pelo pensamento feminista, que só vem a se gestar na década de 1970. Segundo Delphy, a circunscrição do terceiro sentido do termo “patriarcado” é atribuída a Kate Millet. Com sua obra *Sexual politics* é que teria sido aberto o uso da palavra

1. DELPHY, Christine. “Patriarcado (teorias do)” (Trad. N. Pinheiro). Em: HIRATA, Helena et al. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009.

2. O verbete “πατήρ” do dicionário Bailly indica sua ocorrência no sentido de “pai” [*père*] em Homero, Ésquilo e Sófocles e, na sequência, discrimina os usos do termo como expressando o sentido de pais [*parents*], ancestrais ou fundadores e ainda o emprego por analogia no sentido de título de respeito dirigido aos idosos e o emprego por extensão no sentido de fonte [*source*] (BAILLY, Anatole. (1894) *Le grand Bailly – Dictionnaire grec/français*. Paris: Hachette, 2000, p. 1498).

3. Vale mencionar que os sentidos de origem e comando convergem também para a acepção de “princípio” carregada por ἀρχή (Cf. BAILLY, *op. cit.*, p. 281).

para designar sistemas que oprimem as mulheres, isto é, sistemas de dominação masculina, mesmo que isso ultrapasse a questão do poder do pai.

O uso do termo “patriarcado” no título deste livro não significa que esteja aqui assumido o pressuposto de uma plena univocidade de sentido em torno dele — supor tal unidade seria negligenciar a multiplicidade de formas históricas assumidas pelo exercício masculino do poder; seria, portanto, de algum modo, já sucumbir ao alvo que se pretende para a crítica. No que diz respeito ao campo da teoria psicanalítica, no entanto, é fato facilmente constatável que ela põe em jogo uma forma de conceber o psíquico — ou a subjetividade — como algo que se constrói a partir de um modelo que assume, em seu centro, uma equivalência generalizada entre cultura e masculinidade. Seja atravessando a argumentação de *Totem e tabu* e, com ela, o conceito de complexo de Édipo, seja mobilizando noções como “Nome-do-pai” ou “gozo Outro”, o lugar das mulheres (e do feminino?) é reiteradamente remetido, de maneiras que não deixam de ser complexas e profundamente ambíguas, aos limites da cultura e da civilização, visivelmente consideradas em termos patriarcais.

Daí que a inspiração de partida para este livro não se pretenda neutra. Temos assistido a significativos retrocessos políticos, culturais e sociais ao redor do mundo. Todos eles ligam-se aos ideais conservadores patriarcais, alinhados a um capitalismo feroz. Por outro lado, as mulheres estão em estado de alerta. Levantes feministas e diferentes versões do debate proliferam ao redor do mundo num grande movimento para que os avanços em relação à igualdade de gênero e à liberdade não retrocedam e sigam seu curso de maneira cada vez mais intensa e profunda. É nesse curso de avanços e resistências aos retrocessos que esse livro pretende inscrever-se. E aí não cabe mais fazer vistas grossas aos compromissos patriarcais de Freud e de outros psicanalistas pós-freudianos. Formulações psicanalíticas que porventura compactuem ou alimentem visões obtusas precisam, mais do que nunca, de respostas contundentes. Isso não significa anular o pensamento de Freud ou a psicanálise, nem muito menos colocá-la em risco, declarando sua invalidade. Ao contrário: visitar certas elaborações

metapsicológicas ou orientações clínicas que pareçam obsoletas para repensá-las hoje é justamente o caminho que permite manter viva a força da psicanálise. Sem essa circulação encarnada no presente, ela morre por asfixia. Aliás, a psicanálise preserva sua potência justamente por sua capacidade de invariavelmente se reinventar.

Partimos do entendimento de que precisamos enfrentar, seja em que direção for, a suspeita, assim expressa por Butler, de que a teoria recorra “à própria autoridade que descreve para reforçar a autoridade das suas próprias reivindicações descritivas”.⁴ De modo geral, podemos dizer que a psicanálise descreve a constituição do sujeito a partir do acontecimento psíquico de inscrição da lei ao mesmo tempo em que entende que essa lei é algo vinculado ao pai ou à função paterna. Ora, ao assumir esse tipo de encaminhamento, a psicanálise não coloca, no centro da construção de seus modelos teóricos, algo que deveria ser explicado, em vez de ser tomado como dado? Parte da legitimidade descritiva pretendida pela psicanálise não se alicerça nesse território impensado em que à cultura, à vida pública e às realizações teóricas se atribui uma caracterização, de saída, masculina?

Foi na direção de pensar sobre essa trilha que convidamos as autoras e os autores desse livro a tecerem suas considerações. Algumas irão explorar a legitimidade e a preservação dos modelos descritivos psicanalíticos ancorados nas inspirações originárias de Freud e em seus desdobramentos, buscando atribuir-lhes uma potência própria, que ultrapassaria mesmo um diagnóstico de presença de premissas patriarcais, ou ainda encontrando, nos próprios textos de Freud, elementos que permitiriam vislumbrar modelos distintos; outras irão problematizá-las, apostando mais diretamente na necessidade de repensá-las.



Como toda subdivisão, a que foi feita para compor este livro carrega certa arbitrariedade. Isto é, fica claro como os textos se conectam, se sobrepõem, se articulam ou criam tensões entre si. Apartá-los por

4. BUTLER, Judith. *Undoing gender*. Nova York e Londres: Routledge, 2004, p. 47.

um subtítulo pode dar a ilusão de uma intencionalidade prévia e de uma restrição do conteúdo a determinados temas específicos, o que certamente não corresponde à verdade. De todo modo, convém sempre traçar eixos de leitura que nos ajudem a compreender o material e a integrá-lo a uma linha mais ampla de raciocínio. Foi assim que, com os textos em mãos, traçamos aqui cinco eixos centrais para pensar os diferentes prismas a partir dos quais Freud foi relido: I. Revisitando os pilares de Freud; II. Interstícios do texto freudiano: acerto de contas; III. Extraterritorialidades: o olhar lançado de fora na análise de Freud; IV. Contra o mestre: Freud em atrito com as ideias de seus contemporâneos; V. De Freud aos debates atuais: psicanálise e feminismo.

Em “Aquém do pai? Sexuação, socialização e fraternidade em Freud”, Pedro Ambra parte do pilar que sustenta a fundamentação clássica da teoria freudiana — o lugar do pai e a universalidade do complexo Édipo — como “fio de Ariadne” na orientação de elaborações teórico-clínicas para traçar um pequeno, mas decisivo, deslocamento em direção ao complexo fraterno, explorando, nas fraturas dos textos freudianos e de outros autores, como Juliett Michell e Jacques Lacan, algo capaz de sustentar um complexo fraterno, desenhado horizontalmente. O eixo do comentário sobre Freud é o texto *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade*, de 1922. Nesse quadro, o complexo fraterno é anterior ao Édipo, conduzindo ao problema em torno do semelhante nas identificações subjetivas. Trata-se, mais especificamente, de reconhecer um laço estabelecido em um período de expulsão dos irmãos e no qual se desenvolvem, de acordo com Freud (1914), *sentimentos e atividades homossexuais*. No exílio [Vertreibung] — e aqui Pedro Ambra mostra o jogo dos radicais *Vertreibung* e *Trieb* para abordar a pulsão em contraste com uma *expulsão* — consolidam-se as possibilidades afetivas para o retorno dos irmãos, o assassinato do pai e a instauração do tabu do incesto. Resgatando um tempo zero da tragédia de Édipo com a paixão de Laios por Críspio, Pedro Ambra estabelece um paralelo com *Totem e tabu*, dando destaque ao laço homossexual no contexto de uma *ex-pulsão*. Assim delinea toda uma sorte de laços horizontais capazes de regular outra

modalidade de *socius* anterior ao modelo identificatório familiar com a primazia do pai — ainda que eles sempre se deem em situação de exílio.

Embora parta da mesma materialidade de Pedro Ambra ao retomar os meandros de *Totem e tabu*, em “Desamparo e horda primitiva” Janaína Namba observa o que dali teria conduzido Freud na elaboração da constituição da sexualidade feminina, tal como descrita em *Sobre a sexualidade feminina*, de 1931. Tratando da castração como algo que ressoa de forma análoga à expulsão dos irmãos pelo pai, o texto de Janaína conversa intimamente com o de Pedro, mas trazendo as mulheres ao debate. Em sua perspectiva, elas não teriam vivido essa espécie de trauma do exílio, já que teriam sido, ao contrário, amadas pelo pai. Entretanto, isso lhes confere um lugar submisso a ele e não aquele que dará início à cultura pelo seu assassinato. Dessa perspectiva, as mulheres sempre sentiriam uma espécie de nostalgia da horda, onde eram amadas e cuidadas pelo pai, ao mesmo tempo em que manteriam entre si uma certa rivalidade pelo seu amor. O saldo, porém, é, para a autora, interessante. Menos aterrorizadas com a castração, as mulheres são mais aptas a suportarem vulnerabilidades e o próprio desamparo — papel que as retiraria, então, de sua sempre enfatizada passividade.

Já saindo desses pilares mais estruturais para mergulhar nos poros deixados pelos textos freudianos, temos o belo texto “Dentro do sonho” de Stephen Frosh. Nessa imersão naquilo que não virou efetivamente letra freudiana, mas que não deixa de estar nos interstícios, o húmus que alimenta as teorizações do pai da psicanálise ganha um caráter híbrido e pouco afeito a categorias precisas e identitariamente circunscritas. A tônica masculina das identificações de Freud com personagens bíblicos não exclui traços de identificações femininas. Com base na *Interpretação dos sonhos*, obra fundante da psicanálise, especialmente numa delicada análise do sonho da injeção de Irma, Frosh vai diluindo os contornos exatos de identidades de gênero, pontuando questionamentos sobre a polaridade masculino/feminino, ainda que recorra e empregue esses termos como importantes por serem determinados cultural e socialmente.

Com tom provocativo, Aline Martins e Livia Moreira destacam em “A origem do destino criado para as mulheres pela psicanálise: por uma

leitura reparadora através das atas da Sociedade das Quartas-feiras” o ranço claramente patriarcal das discussões ali conduzidas, seja no que diz respeito à construção do conceito de complexo de Édipo, seja, mais especificamente, naquilo que concerne à sexualidade feminina. As autoras promovem uma “leitura reparadora” das atas, expressão cujo sentido buscam em Eve Sedgwick. Partindo dessa referência, mobilizam uma crítica fina da presença do patriarcado na teorização psicanalítica, que se respalda nas obras de importantes teóricas, como Carole Pateman, Juliet Mitchell e Jessica Benjamin. Elas assumem a potência da psicanálise para a elaboração daquilo que transcende a consciência e, exatamente por isso, defendem a necessidade de situar o complexo de Édipo como modulação psíquica do social: ele seria capaz de nos mostrar como “o social toma forma na psique”.

O corajoso “*Bêtes noirs: as mulheres queer da psicanálise*” de Marita Vyrgioti busca compreender como o reconhecimento da estrutura patriarcal do complexo de Édipo reverbera na compreensão da homossexualidade feminina. A autora elege *A psicogênese de um caso de homossexualidade feminina* (Freud, 1920) para enfrentar o problema por ela formulado e consegue identificar a interdependência da questão patriarcal e da questão racial como eixos que atravessam a leitura freudiana do caso. Resulta de sua análise uma interessante e surpreendente interseção entre o afastamento da referência fálica por parte da homossexualidade feminina e o afastamento da hegemonia da branquitude. Compreender esse ponto específico nos permitiria, então, questionar a interpretação fornecida por Freud ao caso, na medida em que ela excluiria a possibilidade de figurar positivamente o desejo homossexual feminino. O que, afinal, teria impedido Freud de tomar o olhar furioso do pai de Margarethe Csonka como sendo um olhar carregado de inveja? Não seria essa uma interpretação legítima?, pergunta-se Marita Vyrgioti.

Talvez num tom que Donna Haraway reconheceria como blasfemo, “Fricção entre corpo e palavra: crítica ao *Moisés* de Freud e Lacan” busca as raízes afetivas, de teor defensivo, que tornaram possíveis tanto a criação da interpretação do termo *falo* pela psicanálise, como a atribuição de sua mais extrema relevância para a teoria psicanalítica,

que, segundo Alessandra Martins Parente, ainda se mantém presente em Lacan. Rastreado a tensão entre corpo e palavra no *Moisés* de Freud e Lacan, a autora procura extinguir qualquer tipo de hierarquização entre esses campos, mostrando como é recorrente o recurso de enaltecer um dos termos em detrimento do outro. Recusando o aforismo lacaniano de que “a relação sexual não existe” e também observando uma forma distante da ilusória complementariedade amorosa, a autora conclui suas análises com a assertiva de que “a anatomia não é destino, mas a supressão do gozo sexual também não!”. Com ela, pretende colocar em pé de igualdade corpo e palavra, sem deixar de reconhecer um campo de tensão entre eles.

Já num território estrangeiro que, exatamente por isso, alcança pontos cegos e naturalizados para aqueles olhos impregnados pelo hábito, Filipe Ceppas traz em “Oswald contra o Patriarcado: antropofagia, matriarcado e complexo de Édipo” a inventiva crítica de Oswald de Andrade a Freud. O ruído brasileiro antropofágico apresenta o matriarcado como alternativa ao patriarcado, no qual reconhece a psicanálise freudiana, modulada pelo conceito de complexo de Édipo. Ao cacoete burguês, Oswald oferece a transversalidade antropofágica. Ceppas transita por extensa bibliografia antropológica e filosófica, trabalhando especialmente com o caráter problemático da tese do matriarcado e a influência de Simone de Beauvoir sobre Oswald. Aponta, ademais, para os problemas inerentes à pretendida universalidade do complexo de Édipo à luz dos sistemas de parentesco, trazendo aproximações e distanciamentos entre Freud e Claude Lévi-Strauss.

Em “Escrever: mulheres, ficção e psicanálise”, as integrantes do Grupo de Estudos e Trabalho em Psicanálise e Feminismo, Julia Fatio Vasconcelos, Manuela Borghi Crissiuma, Mariana Facanali Angelini e Renata de Lima Conde, acompanham Virginia Woolf em *Um teto todo seu*, visando destacar a ambiguidade da questão da realidade na condição feminina e então explorar, não sem antes atravessarem alguns pontos levantados por Beauvoir, o modo pelo qual tal ambiguidade se expressa no pensamento psicanalítico. O grande problema que as mobiliza como autoras aqui é tentar pensar, ou colocar em jogo, esses dois aspectos: a psicanálise encontra o fulcro do sintoma no conflito

entre sexualidade e moral, mas em que medida não reproduziria elementos dessa mesma moral a cujo diagnóstico procede? Ponderações de Juliet Mitchell, Gayle Rubin, Emilce Dio Blechmar, Maria Rita Kehl e Collete Soller são convocadas para lidar com o tema e promover avanços na discussão.

Inspirada pelos escritos de Deleuze e Guattari e lançando seu olhar a partir desse horizonte, Ana Carolina Minozzo apresenta uma releitura do lugar da angústia na obra freudiana em “Freud e o conhecimento-do-corpo: viajando pelos limites da linguagem através da angústia”. Com ela, resgata os primórdios das elaborações do pai da psicanálise em consonância com a perspectiva deleuze-guattariana que acaba por oferecer um viés feminista a Freud. É na natureza excedente da angústia, tal como caracterizada na metapsicologia — excesso tanto com relação ao sentido quanto com relação à libido — que a angústia, desprovida de sentido, seria capaz de convocar a materialidade do corpo para a energia libidinal e, conseqüentemente, colocar em marcha um tipo de singularidade que pode ser vinculado à criação de modos de subjetivação distintos daqueles que são hegemonicamente veiculados pelo patriarcado.

Já na tensão de Freud com seus contemporâneos, Marcelo Amorim Checchia traz um momento delicado da história da psicanálise em “O patriarcado entre Sigmund Freud e Otto Gross”, ainda conseguindo remexer, por meio dessa operação de regaste, com os nossos próprios tempos. Expondo o lugar espinhoso ocupado por Gross na relação entre Freud e Jung, Checchia apresenta partes sombrias daquilo que figura hoje como discurso oficial da psicanálise, isto é, como discurso dos vencedores da história — num sentido benjaminiano. Tomando como ponto de partida a noção de patriarcado tal como ela aparece em Freud, passando pela relação de Gross com seu próprio pai e alcançando uma problematização a respeito da segregação sofrida por Gross, Checchia indica como os trabalhos desse psicanalista esquecido atravessaram centralmente a oposição patriarcado/matriarcado e colocaram de modo singular problemas que tentamos rearticular nos dias atuais.

nalistas feministas não implicariam a subordinação da especificidade da pulsão a determinações socio-históricas?

Por fim, em “Sequelas patriarcalistas em Freud segundo Luce Irigaray: sexualidade feminina e diferença sexual”, Rafael Cossi contextualiza historicamente a crítica de Irigaray a Freud, indicando os principais elementos dessa crítica em torno do falocentrismo da abordagem freudiana do complexo de Édipo. Seu texto nos permite compreender como a rejeição, por parte de Irigaray, da centralização do falo e das teses a respeito da inferioridade feminina desembocam em três resultados interdependentes: a sustentação da *mimesis* e da paródia como práticas, a necessidade de simbolizar os lábios genitais e o interesse em promover uma prática de escrita que se volte para o corpo da mulher e para o caráter indefinido de seu gozo.

São esses alguns dos diversos prismas que a obra freudiana ainda nos permite entrever. Seja, de algum modo, contra o mestre da psicanálise, seja seguindo seus passos ou cruzando seus percursos, não parece ser possível escapar de sua influência quando se trata de pensar os limites do patriarcado — a partir de e contra sua obra. Esperamos que o livro ofereça uma parcela desse entusiasmado campo da reflexão crítica e que tal entusiasmo possa contagiar práticas de intensa liberdade e igualdade entre todas.

Revisitando os pilares de Freud

Aquém do pai? Sexuação, socialização e fraternidade em Freud¹

Pedro Ambra²

Não seria exagerado dizer que a interpretação clássica da teoria freudiana tenha como um de seus pilares fundamentais a noção de pai. O pai, bem entendido, tomado não como aquele que, concretamente, gera e cuida dos filhos, mas, sobretudo, um representante psíquico em certa medida primordial e incontornável à estruturação do sujeito enquanto tal. Em outras palavras, pareceria haver para Freud uma sorte de necessidade em centralizar o pai em sua teoria, seja ao sublinhar a universalidade do complexo de Édipo, ao refletir sobre a sociedade ou nas direções clássicas de tratamento por ele defendida em seus casos clínicos.

Tendo a achar que o pai se tornou — talvez mais a partir dos pós-freudianos do que a partir da própria letra de Freud, aliás — uma espécie de fio de Ariadne que permitiria reencontrar o caminho verdadeiro da teorização e da clínica psicanalíticas. E, de fato, não é impossí-

1. Os desenvolvimentos que seguem são parte de uma pesquisa de doutorado financiada pela CAPES e desenvolvida entre a Universidade de São Paulo e a Université Paris Diderot. AMBRA, P. (2017) *Das fórmulas ao nome: bases para uma teoria da sexuação em Lacan*. Tese de Doutorado. Disponível em <<https://bit.ly/2kS2THF>>.

2. Doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da USP e em *Psychanalyse et Psychopathologie* pela Université Paris Diderot. Professor da PUC-SP, do Mestrado em Psicossomática da Universidade Ibirapuera, membro da *Société Internationale Psychanalyse et Philosophie* e pesquisador do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP. Autor de livros e artigos sobre psicanálise, gênero e sociedade.

vel reencontrá-lo em textos aparentemente tão distintos quanto *Totem e tabu*, *O homem dos ratos*, *O homem Moisés e a religião monoteísta* e *A feminilidade*.

No entanto — e aqui se evidencia uma semelhança metodológica entre a postura do analista em sua práxis e em sua reflexão teórica — me parece sempre frutífero desconfiar das universalidades hegemônicas que parecem explicar a totalidade de um sistema de pensamento. Se é verdade que a teoria freudiana seria patriarcal no sentido de ter na figura do pai um importante ordenador clínico, teórico e, no limite, epistemológico, isso não nos impede de buscar frestas, rachaduras ou perspectivas aparentemente contraditórias ao cânone.

O presente texto, assim, é uma tentativa de negritar um aspecto pouco comentado da teoria freudiana referente à importância não da verticalidade paterna, mas da horizontalidade do semelhante na estruturação subjetiva, notadamente do que tange à sexuação — compreendida aqui como as séries processuais de identificações que articulam sexo e gênero na constituição psíquica. Partindo do texto *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade*, de 1922, buscaremos alguns outros indícios que demonstram haver uma espécie de polaridade no que tradicionalmente compreendemos como patriarcado em Freud: talvez haja uma importância não negligenciável das suposições, fantasias e laços presentes entre semelhantes que não chega a eclipsar, mas, no mínimo, se articula às concepções clássicas do Édipo e do pai em Freud.

O COMPLEXO FRATERNAL

No já citado texto freudiano de 1922, diferentemente dos três tipos de identificação classicamente retomados do Capítulo 7 de *Psicologia das massas e análise do eu*, temos aqui a identificação como um mecanismo definidor da *homossexualidade*. Ainda que chegue a reconhecer causas orgânicas da homossexualidade, Freud foca seus esforços em refletir sobre os processos psíquicos que estariam em sua origem, chegando mesmo a descrever o chamado “processo típico”, no qual o jovem rapaz, intensamente fixado à sua mãe — e notamos aqui a

silenciosa assunção do masculino como modelo —, encontrará uma “mudança” alguns anos após a adolescência.

O reconhecimento do fator orgânico da homossexualidade não nos dispensa da obrigação de estudar os processos psíquicos envolvidos na sua gênese. O processo típico, já verificado em inúmeros casos, consiste em que, alguns anos após o fim da puberdade, o adolescente, que até então se fixava fortemente à sua mãe, realiza uma mudança: identifica-se com a mãe e busca objetos amorosos em que possa reencontrar a si mesmo, que gostaria de amar como a mãe o amou. Característica desse processo é que normalmente, por muitos anos, uma condição necessária do amor será que os objetos masculinos têm que ter a idade em que nele ocorreu a transformação (FREUD, 2011, p. 221).³

Freud afirmará que a fixação à mãe evitaria a passagem a um outro objeto feminino e que a identificação com a mãe — aqui sinônimo de “fixação” — é o que, no fundo, permitiria que o indivíduo continue fiel a esse primeiro objeto — tendendo, em seguida, a uma escolha narcísica de objeto. Mais à frente, afirmará que “a pouca estima pela mulher, a aversão e até mesmo horror a ela, procedem geralmente pela descoberta, feita bastante cedo, de que a mulher não possui pênis”. Tal ideia da homossexualidade masculina como se constituindo a partir de um desgosto ou horror do feminino perdurará durante muitas décadas no pensamento psicanalítico — inclusive nas mais diferentes filiações teóricas.⁴

3. Sublinhemos que Jacques Lacan fará, em 1932, uma tradução (bastante questionável, aliás) deste texto de Freud. O que César traduziu, por exemplo, por “mudança” [Wendung] e “transformação” [Umwandlung] Lacan, traduzirá por *crise e bouleversement* [perturbação]. De toda forma, a questão discutida no texto será central em boa parte do ensino de Lacan a partir do estatuto do semelhante junto ao imaginário, cujo modelo é, precisamente, o *irmão/irmã*, e gozará de relativa permanência conceitual por, no mínimo, duas décadas, antes da consolidação estruturalista em seu ensino.

4. É curioso notar que a homossexualidade feminina dificilmente é descrita a partir de uma “repulsa do masculino”. No caso de Csillag, a jovem atendida por Freud cuja queixa dos pais seria seu relacionamento com outra mulher, o psicanalista busca (inclusive já no título) uma psicogênese de sua homossexualidade. No entanto, logo vai deixando claro no texto que qualquer explicação universal seria psicanaliticamente imprecisa.

Supor que uma certa modalidade pretensamente estável de escolha objetal tem como correlato o desprezo de outra nos levaria à questão inversa, que se demonstra falsa: um homem heterossexual não irá desprezar o sexo masculino. Ao contrário, o desprezo pelas mulheres é inclusive uma das características mais marcantes do machismo, ou até mesmo da própria masculinidade. E aqui a passagem rápida feita por Freud entre identificação com a mãe — sinônimo automático de mulher heterossexual — e desprezo pela mulher não é explicada, senão pela dificuldade em psicanálise de separar identificação e escolha objetal.

Vejamos como o problema é abordado por Butler, em *Le transgenre et les “attitudes de révolte”* [*O transgênero e “as atitudes de revolta”*], visando utilizar a homossexualidade como um paradigma para se pensar a questão *trans*. Reproduzo aqui a passagem, que, apesar de longa, apresenta bem uma crítica aplicável ao núcleo da argumentação de Freud nesse primeiro tempo de seu texto sobre a homossexualidade masculina:

Por exemplo, alguns psicanalistas, incluindo as feministas, poderiam argumentar que os intensos vínculos homossexuais entre meninos indicam que esses meninos repudiaram sua mãe. Isso é então entendido como uma ruptura na capacidade relacional em si. A pressuposição é a de que a relação com a mãe é primária e que qualquer violação dessa relação é uma violação em qualquer capacidade relacional. O psicanalista Ken Corbett refutou esse ponto de vista, sugerindo que quando os meninos curtem seu prazer fático juntos, são tomados por um modo de relação distinto daquele que podem ter com meninas ou mesmo com o materno. Não há nenhuma razão para inferir imediatamente que o deslocamento em direção à homossexualidade masculina é um repúdio da mãe. Não é porque tais jogos fáticos, particularmente entre os meninos, geralmente não envolvem meninas ou mulheres — embora seja possível — que eles têm por princípio um repúdio às meninas ou às mulheres. Na verdade, uma coisa é que o desejo seja dirigido a um gênero, e não a outro, e uma outra é fundar seu prazer sobre a exclusão motivada pela agressividade ou mesmo pelo ódio em relação a esse gênero. Ao considerar a relação com a mãe como sendo a relação primária, arrisca-se, estranhamente, acabar por explicar tais jogos entre meninos fazendo referência ao materno, que é uma forma de se afastar de seu modo de relação próprio. Na verdade,

corre-se o risco de acabarmos tendo uma teoria da sexualidade masculina, concebida para proteger o narcisismo da mãe presumidamente heterossexual (BUTLER, 2009, p. 15).

A argumentação de Butler segue no sentido de usar esses mesmos questionamentos para se pensar uma constituição da identidade transexual para além do repúdio ao sexo. Notemos que há em Butler uma crítica que se articula de duas formas distintas. Em primeiro lugar *coloca-se em causa a primazia da mãe como matriz das relações sexuais*, e mesmo sociais, posto que qualquer outro vínculo deve remeter-se a esse primeiro, nem que seja de maneira agressiva — tal é a hipótese de alguns psicanalistas evocados, ao que poderíamos incluir alguns desenvolvimentos de Freud e Lacan. Assim Butler abre a possibilidade de se pensar um vínculo para além, ou para aquém, do Édipo; ou, no mínimo, como não tão radicalmente comprometido com uma alteridade tão normalizadora como o que virá a ser o grande Outro. Uma outra, que se articula com essa primeira, é a *valorização desse vínculo entre semelhantes*, fora de um regime de simples desdobramento edípico — no caso, aqui, entre jovens rapazes. Notemos, no entanto, que Butler realiza tal movimento visando colocar de lado tendências agressivas dirigidas em relação à mãe. Mas teria tal reflexão algum tipo de embasamento no arsenal conceitual freudiano?

Voltemos ao texto “Sobre alguns mecanismos”. Logo no início, dirá Freud sobre o ciúme “normal”:

[...] é profundamente enraizado no inconsciente, dá continuidade aos primeiros impulsos da afetividade infantil e vem do complexo de Édipo ou do complexo fraterno [*Geschwisterkomplex*] do primeiro período sexual. No entanto, é digno de nota que algumas pessoas o experimentam de forma bissexual, ou seja, pode haver no homem, além da dor pela mulher amada e do ódio pelo rival, luto por causa do homem inconscientemente amado e ódio pela mulher como rival, num ciúme reforçado (2011, p. 210, trad. modificada).⁵

5. Ainda que não comente este texto, Butler empregará um argumento bastante semelhante a partir de *O eu e o isso* para discutir sua proposta de uma *melancolia de gênero*, no já clássico *Problemas de gênero* (2014).